

PLASTICIDADE DAS VOZES E ESCRITURAS DO CORDEL DE FIM DOS TEMPOS: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

PLASTICITY OF SCRIPTURE AND THE VOICES OF CORDEL END TIMES: TRADITION AND MODERNITY

Linduarte Pereira Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

Pretendemos apresentar o resultado de uma pesquisa diacrônica das vozes e escrituras do cordel que revelam a mentalidade de uma sociedade pautada em ideologias de uma tradição profana e religiosa sustentadas em profecias de fim dos tempos. Observamos que há uma plasticidade tanto cultural/ideológica quanto do próprio suporte (folheto de cordel) que atualiza as vozes e escrituras das profecias de fim dos tempos na contemporaneidade. Como demonstra Eliade & Couliano (2003), as escrituras do Novo Testamento não deixaram de tematizar acerca dos ideais da época velho-testamentária. Suas ideologias foram atualizadas ou aperfeiçoadas para o convencimento da atualidade das práticas que circundam a existência humana, nos períodos anteriores e posteriores a Cristo. Ação da linguagem que se repete em tempos posteriores, e na atualidade, como busca demonstrar essa pesquisa ao destacar que a movência das mentalidades profanas e religiosas é acompanhada da atualização do suporte de tais vozes.

Palavras-Chave: Plasticidade; Vozes e escrituras; Cordel; Fim dos tempos.

ABSTRACT

We intend to present the result of a diachronic study of the scriptures and string voices that reveal the mentality of a society based on ideologies of a secular tradition and sustained by religious prophecies of the end times. We note that there is a plasticity both cultural / ideological as the support (brochure string) that updates the voices and writings of the prophecies of the end times nowadays. As shown Eliade & Couliano (2003), the scriptures of the New Testament did not fail to thematize about the ideals of the age-old testamentary. Their ideologies have been updated or improved for the conviction of the present practices that surround human existence, in the

periods before and after Christ. Action language that is repeated in later times, and at present, this research seeks to demonstrate how to highlight what movência profane and religious mentalities is accompanied updating the support of such voices.

Keywords: Plasticity; Voices and scriptures; Cordel; End of Time.

1. Tradição e modernidade: a plasticidade do cordel

O antagonismo entre presente e passado advém de uma concepção ideológica que confere ao dado do passado um valor de tradição. O apego a essa tradição é derivado da aproximação do passado como depósito de memórias. Dessa forma, não se duvida da palavra de um velho. Como sujeito de um tempo passado, o idoso é a voz da sabedoria, da experiência. Por essa razão, ao jovem é atribuído um valor que se opõe ao valor que o velho adquire em várias culturas. O jovem é inexperiente, não sábio.

O início demarca um período de mudança. Para muitos, o início de uma semana, de um mês, de um ano, de uma década, de um século e de um milênio, representava o fim de um tempo e o início de outro. Entretanto, assim como sugere a estátua de Jano (*Januarius* ou Janeiro), o senhor dos solstícios, encarregado de iniciar o inverno e o verão, o início demarca um tempo de mudança não de fim. Ele é renovação, esperança de projeção continuada.

Como algumas ilustrações de Jano sugerem, o tempo do velho (Pai/Criador) e o do novo (Filho/Criatura) é comparado ao tempo do anoitecer e do amanhecer, do término e do início. Note que há em Jano uma face jovem e outra velha, significando a união dos valores passado e futuro, tradição e modernidade, experiência e exercício:



Figura 1: Desenho Jano.
Fonte:<http://www.artslant.com/ny/artists/show/124853-alejandro>.



Figura 2: Chafariz Jano.
Fonte:http://www.saberepoder.com/voce_sabia_atual.htm.



Figura 3: Estrela Jano.
Fonte: <http://www.forum-numismatica.com/viewtopic.php?f=55&t=49782>.



Figura 4: Estátua de Jano.
Fonte:<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:N29Janus-u-Bellona.jpg>.



Figura 5: Escultura de Jano.
Fonte:<http://www.plymouth.k12.ct.us/page.cfm?p=1560>.

Em muitas sociedades, o velho é a razão local e o tesouro armazenado na cultura. É passado em forma de homem, personificação do tempo, homem-memória. Mas não é prestado honras à velhice. Ela sempre será encarada como peso, quando se leva em conta a materialidade da vida humana. A herança da sabedoria passada de um velho para um jovem é um bem que possibilita a manutenção da vida civilizada ou em grupo. Esse pensamento advém de uma realidade não material e dele provém a oferta do continuísmo. Assim, a sabedoria não morre com o homem. Cronos é vencido pelo jovem, isto é, o contínuo do homem vence a morte e elimina a ação do tempo. Justificam-se, desse modo, os ensinamentos, o *logos*, com

o sentido não apenas de razão, mas de sabedoria criadora de mundos (FOUCAULT, 2007). A única forma de se vencer a morte é unindo o velho e o jovem. O guerreiro é a força física, materialidade corpórea que permite ao grupo continuar em pleno vigor, quando é alinhado o conhecimento (a sabedoria do velho) com a prática (a ação produtiva do jovem).

Então, por que ignorar que o velho habita no novo? Por que muitos ainda falam em morte do cordel? Por que falam em cordel da tradição como o ideal de referência para os folhetos de feira? Não se permitem enxergar que essas mídias se renovam como todas as outras, porque continuam em plena produção. Elas ainda estão na feira, mas também “invadiram” outros espaços e fazem sentido a partir da configuração que é própria desse gênero textual/discursivo. Estão nas bancas de revistas, em eventos científicos, nas bibliotecas (escolares, comunitárias e universitárias), na internet; além de serem utilizados como adereço de fetiche para a ornamentação de eventos culturais e vitrines de lojas comerciais, que desterritorializam esse suporte de leitura para usá-lo como índice de uma cultura que se caracteriza tendo como referência um objeto motivador de configurações discursivas e, conseqüentemente, ideológicas.

A imagem abaixo demonstra essa movência do suporte. De objeto de leitura, mídia que carrega um sentido, ao objeto de adereço, material de decoração de vitrines comerciais. Nesse caso, uma loja de roupas:



Figura 6: Cordéis como ornamentos em Vitrine de loja de roupas, Campina Grande-PB.

Fonte: Linduarte Rodrigues.

Mas isso não acontece de forma descontextualizada. O tempo e o espaço deste fenômeno permitem fazer valer tal atualização do objeto cultural folheto de cordel. O período em que isto sucedeu foi o mês de junho de 2009, na cidade de Campina Grande, Paraíba, momento e local conhecidos por fazerem/venderem o “Maior São João do Mundo”, com todos os sentidos cósmicos que os adereços permitem significar/ressignificar num tempo e num espaço que se impõem como sendo sagrados.

Recentemente, em junho de 2012, também na cidade de Campina Grande, Paraíba, dentre tantas lojas que concorriam no quesito melhor vitrine do “Maior São João do Mundo”, a vitrine de uma ótica tomou emprestado os valores atribuídos ao cordel pela cultura popular que endossa esta festa profana/religiosa.



Figura 7: Cordéis em vitrine de ótica, Campina Grande, Paraíba.
Fonte: Linduarte Rodrigues.



Figura 8: Destaque, cordéis em vitrine de ótica, Campina Grande.
Fonte: Linduarte Rodrigues.

É possível constatar que em meio aos produtos comercializados pela loja, um espaço dedicado aos produtos de uma grife conhecida e valorizada internacionalmente, a Vogue, o cordel empresta seu *status* de produto regional/cultural que aponta/chama a atenção do consumidor da festa popular para o produto que habita o espaço próprio do folheto de cordel, que figura como ornamento ou sinal da cultura popular nordestina.

Neste cenário, o folheto de cordel torna-se bandeira de São João, no Açude Novo, Parque Evaldo Cruz, ao passo que é estandarte e que faz referência à cavalgada no barbante, enquanto folheto de feira *in* cordel:

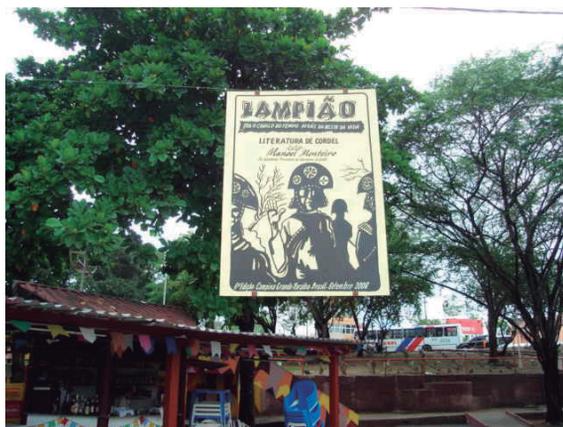


Figura 9: O cordel como ornamento de praça em festa junina, Campina Grande-PB.

Fonte: Linduarte Rodrigues.

No Parque Evaldo Braga, o Açude Novo, o símbolo posto em destaque para todos aqueles que chegam ao local é um obelisco, monumento que faz lembrar uma espada, lança, dardo, espingarda ou rifle, armas do herói que apontam para o alto enquanto falo, órgão que acentua a virilidade do homem, do masculino.

No cenário em destaque, vemos a significação posta no simbolismo do centro, em que o obelisco está enfeitado para a dança do pau-de-fitas. Uma espécie de dança rítmica materializada por uma ciranda de fitas, em que os participantes, ligados pelos elos coloridos, orbitam ao redor do mastro central de onde as fitas emanam. Neste caso, os folhetos gigantes, postos em círculos, figuram como sujeitos que dançam em um ritual alucinante e circular. A *performance* do vento traz à mente a lembrança do movimento de enlace das fitas que remete também a dança-do-mastro, cerimônia em que as pessoas envolvidas levantam o tronco de uma árvore que simboliza a árvore primordial. Esse ritual celebra a força e a fertilidade masculina, postas na simbologia da Árvore Cósmica:



Figura 10: Obelisco decorado para festa junina, Parque Evaldo Braga. Campina Grande-PB.
Fonte: Linduarte Rodrigues.



Figura 11: Obelisco decorado para festa junina, Parque Evaldo Braga. Campina Grande-PB.
Fonte: Linduarte Rodrigues.

Como suporte, o cordel permite ser multimídia e empresta a configuração de seu gênero textual/discursivo até para outras produções que circulam midiaticamente. Isso é verificado em bancas de jornais e revistas e

em eventos diversos, locais em que encontramos alguns exemplos de livros com temas variados e com escrita em prosa (livros/folhetos que tratam de ufologia, dietas e receitas medicinais), mas que são confeccionados no tamanho, cores e com papel semelhantes aos dos folhetos de cordel.

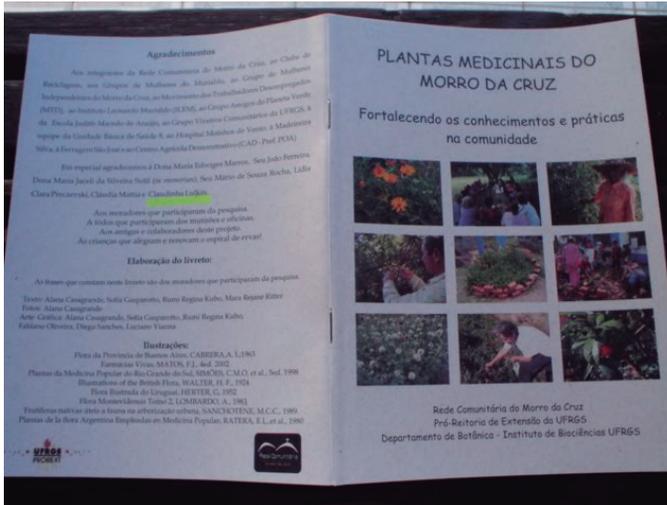


Figura 12: Livro/folheto de plantas medicinais.

Fonte: <http://claudialulkin.blogspot.com.br/2010/12/plantas-medicinais-no-morro-da-cruz-em.html>.

Um exemplo explícito é o cordel seguinte, escrito/encomendado por um candidato à presidência da OAB-PE, Henrique Mariano, para divulgar suas propostas de campanha. Buscando “fazer o resgate dos valores da cultura pernambucana”¹. O cordel foi escrito em oito páginas, com tiragem de cerca de dois mil exemplares, distribuídos pelos membros da campanha do advogado: “Dessa forma, estamos levando as nossas propostas de maneira lúdica e divertida. Além de ser uma forma de valorizarmos as nossas raízes culturais”, justifica o candidato:

¹ Imaginação carente de constatação, pois Pernambuco é um dos estados nordestinos que mais investe em cultura, não necessitando de nenhuma forma de resgate para se manter em plena atuação de sua produção/reprodução cultural.

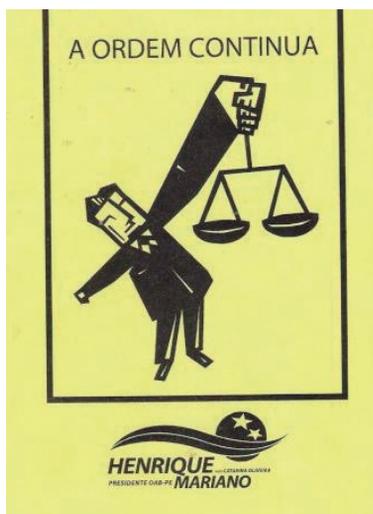


Figura 13: Capa do folheto “A ordem continua”.

Fonte: <http://jc3.uol.com.br/blogs/blogjamildo/mes.php?pag=19&mes=11&ano=2009>.

A adoção à materialização do suporte de objetos de leitura que fazem lembrar (buscam lembrar) o folheto de cordel, o que demonstra o valor que o cordel possui para aqueles que se inspiram nele ou que usam a sua imagem para vender suas produções, ideias, ideais. Nada que seja negativo, pois o próprio cordel se inventou/reinventou a partir de outras obras textuais/discursivas (foi romance, jornal, etc.), o que nos permite avaliar que o cordel ainda é um elemento textual e discursivo, uma mídia impressa que traz a voz e dá voz à sociedade e aos sujeitos que estão por trás dessas produções. Ele possui um valor reconhecido. Se não fosse assim, não seria usado/utilizado como meio de indução para a leitura de outras produções, que não são cordéis, mas que pretendem figurar como obras aproximadas do seu valor, do seu prestígio, da ideologia que sustenta.

A mídia televisiva não deixou de tomar emprestados os valores que emanam da mídia impressa folheto de cordel e, dessa forma, com a novela *Cordel Encantado*, apresentada pela Rede Globo de Televisão, em 2011, o Brasil voltou o olhar para literatura e a cultura popular que, com seus heróis e às vicissitudes do povo nordestino, legitimam a condição de vida ou o conjunto de práticas que inconscientemente dialogam com a base genética de um povo que está na raiz do empreendimento da nação brasileira, com

todas as “colonizações” das quais foram testemunhas as mídias impressas e vozeadas que comumente chamamos cordel.

Além do mais, isto comprova que o cordel é garantia de continuísmo, que se supera, cada vez mais, invadindo espaços variados, territorializando lugares nunca antes habitados por essa mídia. O que demonstra que o cordel nunca esteve tão bem, não só o da tradição, mas todos. Ele está em pleno vigor de promoção dos valores que ele negocia. Emprestando, ainda, prestígio para aqueles que se interessam pelo valor que ele desempenha no espaço em que circula. Uma prova disso são as reproduções das escrituras apocalípticas que nos folhetos circulam como exercício de proclamação das profecias do final dos tempos.

2. Exercício da escritura humana apocalíptica no cordel

As escrituras póstumas ao Velho Testamento (o Novo Testamento) são atualizações do pensamento religioso judaico para uma nova mentalidade, a cristã. Tais escrituras não deixaram de tematizar acerca dos ideais da época velho-testamentária. Esses assuntos foram atualizados ou aperfeiçoados para a atualidade das práticas que circundam a existência humana, nos períodos anteriores e posteriores a Cristo (ELIADE & COULIANO, 2003).

A relação entre divindades e humanos nunca deixou de ser tratada, bem como os conflitos e angústias que fornecem alimento para a textualização dessas vozes, alimento discursivo fecundo, o que faz dessa materialização ideológico-discursiva fonte de pesquisa das mentalidades humanas. Os cordéis que analisamos são um exemplo. Novas formas de enunciações das ideologias herdadas do velho e do novo testamentos. São atualizações dos dizeres que ainda fornecem a matéria prima para a elaboração/adoção de hábitos que são traduzidos em práticas sociais locais. Isso tudo leva a crer que o novo não significa ruptura com o passado, esquecimento. O cordel é presente, mas também é memória, passado-lebrado. Essencialmente, o cordel é memória das vozes em constante travessia.

Há fios de memória que orientam os sujeitos do cordel. Nele, personagens sociais ganharam vida em *performances* que traduzem muito bem os valores religiosos negociados enquanto conduta. Por essa razão, não dá para falar em verdadeiras origens. Não podemos precisar o momento em que tais forças começaram a atuar. Com relação à profecia analisada

em nossa pesquisa, sua origem é milenar, mas o campo de atuação dessa prática visionária é amplo e compreende um abarcamento espaço-temporal atual. Claro que muitos historiadores especularam acerca do começo de tais práticas. No entanto, torna-se desmedida a investigação que objetiva deixar de lado as causas que motivaram a produção de tais vozes, as quais continuam produzindo suspiros visionários em nossa época; apegando-se, apenas, a uma busca genética.

Não buscamos a origem de um acontecimento, atentamos para o seu desenvolvimento, representatividade, recorrência, o que leva à adoção de determinadas práticas que as atualiza. Pensamos que antes de buscar a origem selvagem de um acontecimento, devemos estudar as práticas realizadas e mediadas por tais forças de pensamento: investigar as ideologias que produzem signos/símbolos/significações em forma de discurso.

Conforme pesquisamos, a associação com o sagrado é constante no *corpus* que analisamos. O cordel também está na fronteira entre o sagrado e profano (ELIADE, 2001). É a ponte entre o homem e o divino, porque exemplifica, moraliza, faz ver as imagens que mancham a alma do homem e podem levá-lo ao fim de sua existência ou a salvação de sua vida. Na internet o cordel ganha asas virtuais e viaja num mundo dito sem fronteiras. Mas há ou não fronteiras no espaço virtual onde o cordel transita? Um dos grandes desafios desse novo gênero do cordel, o cordel digital/virtual, é sua aceitação dentre aqueles que sustentam que cordel é só o da tradição.

Tudo isso demonstra que o cordel, atento aos acontecimentos mundiais e que afetam o nosso povo, sinaliza para os atravessamentos ideológicos que cruzam as fronteiras dos sistemas econômicos e sociais. Desenha uma trama em que os sujeitos envolvidos interagem e são influenciados por uma lógica binária do poder colonizador. Ele mesmo invade esses territórios e impõe sua forma de análise fenomenológica dos sistemas de dominação: é voz da minoria na trama histórica de uma narrativa de esquerda e de direita (MARX & ENGELS, 1989), em que o importante não é o resultado (o queijo), mas também o processo (os rastros) e os meios (os vermes) (GINZBURG, 2006; 2007). Sujeitos construtores. Os personagens (reais e fictícios) do cordel, que desenham e são desenhados pela história, sendo analisados e avaliados pela ideologia presente em narrativas de sobrevivência, de envolvimento e desenvolvimento com o novo, no novo. “Pequenos”

lugares de renovação que provam que “as novidades, ou melhor, as rupturas abrem caminho através da reafirmação da continuidade com o passado” (GINZBURG, 2007, p. 259). Porque “todos os livros [com destaque para o cordel] estão abertos ao mesmo tempo” (RICOEUR, 2007, p. 19).

Dessa forma, o folheto de cordel se põe como escritura significativa da modernidade, pois é atravessado pela palavra, isto é, pela voz que o atualiza e garante o dizer de uma subjetividade-objetiva, que o faz aproximar-se do ideal de discurso em via contemporânea. Ele é memória social, materializada por uma estrutura discursiva (ACHARD, 2007), mas também é acontecimento (PÊCHEUX, 2007, p. 51), memória entendida como entrecruzamento dos sentidos imbuídos entre o elemento mítico, a prática e a história individual e social de cada um na cultura. Uma memória-acontecimento, materializada em imagem, visual ou acústica, ou uma imagem-acústica, que “funciona enquanto diagrama, esquema ou trajeto enunciativo”. Este é o cordel em travessia pelo século XXI.

3. Memória das práticas humanas em escrituras do cordel

Ultimamente, vemos que as crises econômicas e os desarranjos climáticos, causados pelo aquecimento global, servem de base para produções sustentadas pelo imaginário que rege as profecias de “fim de mundo”. Dessa forma, o imaginário religioso cristalizado nas regiões onde o cordel circula é rearranjado em esquemas escatológicos que buscam trazer à tona a discussão do além como espaço de desfecho, como julgamento final das ações humanas.

É o que ocorreu com a atualização do tema do Fim do Mundo ou Fim dos Tempos. De tempos em tempos, e hoje com tamanha relevância e com uma regularidade considerável, esse tema vem sendo reconfigurado para servir de motivação para a produção de pensamentos reflexivos acerca do destino de toda a humanidade. Nada é mais universal do que o pavor ou o louvor dedicado ao fim da raça humana na Terra. A significação atribuída ao último dia, ao desfecho das coisas no mundo, alinhada ao plano semântico que se impõe como elemento catastrófico, faz produzir angústia, medo e promove a realização de discursos escatológicos, ditos apocalípticos.

A escritura/voz, como inspiração divina (profecia), sempre se fez presente entre os povos, a partir do discurso revelador de um visionário

(BINGEMER & YUNES, 2002; FARIA, 2006; ALLAN, 2004). Visão ou imaginação? Torna-se valioso crer na visão imagética, como diria Santo Agostinho (1964), do dizer daquele que se insere no dito e assegura uma verdade acompanhada de um olhar para o além e para o altíssimo. Essa “verdade verdadeira”, como assegura o poeta popular, está distante do olhar do colonizador, que esquece ou desvia o olhar para não enxergar as imagens que o cordel tematizam para fazer lembrar, impor um pouco de atenção para o povo da região nordeste do Brasil.

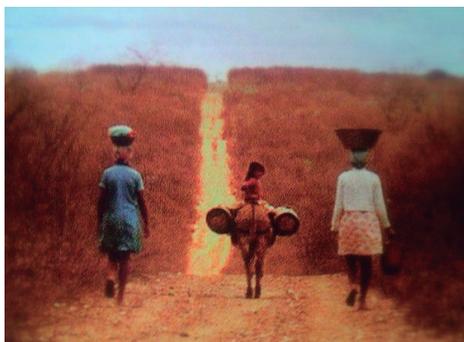


Figura 14: Caminho da seca.

Fonte: http://tianguaemfoco.blogspot.com.br/2012_11_01_archive.html.



Figura 15: Chão da esperança.

Fonte: <http://eco4u.wordpress.com/tag/seca/>.



Figura 16: Vida as avessas.

Fonte: <http://mercadoetico.terra.com.br/arquivo/industria-da-seca-poder-politico-e-pobreza/>.

Suplicar por chuva, chorar a morte do seu gado e o abandono de sua terra, não são apenas relatos de verdade, mas são também denúncias das reais condições enfrentadas pela instabilidade econômica do povo nordestino. É a “fotografia” da falta de água, comida, saúde, desenvolvimento, esperança, etc. Discurso mais atual que esse seria impossível!

Sensível aos fatos que circulam de tempos em tempos, o poeta popular faz o outro crer na verdade estampada desde a capa do folheto ao discurso textualizado pela escritura das vozes. Nada melhor do que o discurso direto para fazer crer na verdade do dito. Não é preciso aspas ou travessão, o poeta inicia com a marca da palavra e todo o texto é o testemunho de uma voz que sustenta uma realidade jamais contestada.

Quem nos dá um exemplo é Patativa do Assaré, no folheto *ABC do Nordeste Flagelado*, sem local, sem data:

A – Ai, como é duro viver
 nos Estados do Nordeste
 quando o nosso Pai Celeste
 não manda a nuvem chover.
 É bem triste a gente ver
 findar o mês de janeiro
 depois findar fevereiro
 e março também passar,
 sem o inverno começar
 no Nordeste brasileiro.

B – Berra o gado impaciente
reclamando o verde pasto,
desfigurado e arrasto,
com o olhar de penitente;
o fazendeiro, descrente,
um jeito não pode dar,
o sol ardente a queimar
e o vento forte soprando,
a gente fica pensando
que o mundo vai se acabar.

[...]

Posso dizer que cantei
aquilo que observei;
tenho certeza que dei
aprovação relação.
Tudo é tristeza e amargura,
indigência e desventura.
— Veja, leitor, quanto é dura
a seca no meu sertão.

Quem duvidaria de um sujeito que é testemunha ocular? Sua voz inaugura um espaço de promessa/profecia de acontecimento, além de servir como lentes de aumento para os que negam enxergar nas entrelinhas do seu fazer discursivo a realidade da sociedade que ele é testemunha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apego à memória coletiva como modo de efetivação da escritura está presente nos folhetos analisados. A presença dessa memória funciona como efetivação de uma história que se inicia e que reclama por um fio do tempo que lhe dê coerência e mobilidade para seguir caminho no imaginário das sociedades que as produzem/atualizam. Para tanto, o poeta se filia a um campo e consegue se manter atuante. Ele se reinventa, adere ao

plano da conjuntura de um dado campo, absorve com plasticidade o *habitus* (BOURDIEU, 1994) e, assim, pode interagir com os outros membros do plano sociocultural. Essa adesão de um conjunto de ações e a adaptação de outras gera o aprimoramento do *habitus* de um grupo, adaptado para uma plasticidade cultural contemporânea.

Esta pesquisa constatou que a associação com o sagrado é constante no *corpus* analisado. O cordel está na fronteira entre o sagrado e profano (ELIADE, 2001). É ponte entre o homem e o divino, porque exemplifica, moraliza, faz enxergar as imagens que mancham a alma do homem e podem levá-lo ao fim de sua existência ou a salvação de sua vida, como é comumente enunciado em suas páginas. Na internet o cordel ganha asas virtuais e viaja num mundo dito sem fronteiras. Mas há ou não fronteiras no espaço virtual onde o cordel transita? Um dos grandes desafios desse novo gênero do cordel, o cordel digital/virtual, é sua aceitação dentre aqueles que sustentam que cordel é só o da tradição. Esperamos ter resolvido este mal entendido que aponta para a morte de um gênero textual/discursivo em vez de perceber que o cordel não é só o da tradição. Como qualquer outro gênero textual/discursivo, o cordel é ponte, meio de ligação entre fronteiras, possibilidade de transposição de um lugar a outro (o passado e o futuro). O cordel é canal de condução das vozes que arranjam a modernidade em solo da tradição.

Por essa razão, foi necessário a desmitificação de preconceitos que rondam o universo dessa produção cultural, bem como o fazer crer que o auxílio desse suporte, enquanto elemento de linguagem/discurso, justificasse em meio as significações enunciadas pelos interlocutores, seus desejos, angústias e intenções, o que é próprio do fazer discursivo das escrituras de todos os tempos.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. *In*: ACHARD, Pierre. (Org). **Papel da memória**. 2. Ed. São Paulo: Pontes Editores, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. São Paulo: Edameris, 1964.

ALLAN, Tony. **O livro de ouro das profecias**: 4 mil anos de previsões, profetas e visionários. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

ASSARÉ, Patativa do. **ABC do Nordeste Flagelado**. Sem local, sem data.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti & YUNES, Eliana (Orgs). **Profetas e profecias**: numa visão interdisciplinar e contemporânea. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. *In*: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: Sociologia. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1994.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIADE, Mircea & COULIANO, Ioan P. **Dicionário das religiões**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Jacir de Freitas. **Profetas e profetisas na Bíblia**: história e teologia profética na denúncia, solução, esperança, perdão e nova aliança. São Paulo: Paulinas, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. SP: Companhia das Letras, 2007.

MARX, K. & ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Anita Garibaldi, 1989.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre. (Org.). **Papel da memória**. 2. Ed. São Paulo: Pontes Editores, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: editora da UNICAMP, 2007.